

Filosofia e Educação na formação contemporânea

Aissa Afonso Guimarães*

Resumo

Este artigo trata da necessidade de questionar as condições gerais da educação e da ética na realidade contemporânea mundializada e cientificizada que se instaura neste final de milênio. De modo que retomaremos as origens do ideal de educação e ética no mundo ocidental a partir da filosofia grega, como instrumento teórico para entender o lugar do pensamento reflexivo e da educação como plena formação cultural.

A filosofia tem lugar e data de nascimento; pois teve seu início nas ilhas jônicas da Grécia Antiga no século VI a.C., e logo se expandiu para o continente (Atenas) ou para a *pólis* democrática, através da prática pedagógica. De forma que, em sua origem a filosofia e a educação se encontram voltadas para a formação do cidadão; e têm como função prepará-lo para a vida ética e política em sociedade. E, é justamente, esta fonte de valores, da qual se originou a filosofia, a pedagogia, a democracia, a ética e a ciência, que queremos resgatar como fundamento para pensarmos a crise que vivemos na contemporaneidade.

Momento em que está posta em questão toda a idéia de educação, erudição e de cultura construída pelos intelectuais, a partir da ideologia européia ocidental, que viam na ciência o caminho natural de ascensão da humanidade. O ideal de "espírito cultivado", a cultura intelectual homogeneizada, a antiga esperança de que o desenvolvimento da ciência se realizasse paralelo ao desenvolvimento da complexidade histórica das sociedades, todo este referencial deve ser repensado diante radicalização do mundo científico e do progresso tecnológico nas sociedades ocidentais.

Propomos portanto a análise dos princípios, da origem dos valores que moveram o pensamento grego na criação da pedagogia, da ética, da ciência, da política e de tantas outras fontes de conhecimento que inspiram e alimentam nossa cultura.

Este ensaio é fruto da reflexão sobre o ensino da filosofia no nível médio, e surge da necessidade de refletir sobre as atuais condições da

*Mestre em Filosofia (IFCS - UFRJ), Doutora em Comunicação e Cultura (ECO - UFRJ), Professora-pesquisadora - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV-Fiocruz), Professora da Universidade Estácio de Sá.

educação humanística frente ao mundo da ciência. Abordaremos aqui através do pensamento filosófico, as origens do conhecimento científico e dos ideais de educação e formação na sociedade ocidental. Numa tentativa de melhor compreendermos a realidade contemporânea mundializada que se instaura neste final de milênio, a chamada "Idade da Ciência".

Vivemos um processo de mundialização/globalização em que a ciência está presente mesmo no senso comum, ou seja, no cotidiano das sociedades ocidentalizadas, onde a ciência e o discurso científico parecem determinantes da verdade e da realidade. Esta perspectiva de vida se impõe como uma ordem planetária, cada vez mais ampliada e difundida através da tecnologia e dos meios de comunicação de massa. A comunicação é na atualidade a atividade totalizante que invade todos os espaços de relação do homem com o mundo. E, em meio a este domínio científico, nos perguntamos sobre o papel da educação e da filosofia na formação profissional contemporânea.

Para encaminharmos esta análise recorreremos à filosofia grega, como instrumento teórico para pensarmos o sentido dos valores, ou seja, os fundamentos que deram origem ao modo de vida ocidental contemporâneo. Privilegiamos neste trabalho uma reflexão hermenêutica¹ do pensamento grego antigo, porque os conceitos e os ideais ocidentais de educação e de ciência (ética, política, saúde e tantos outros) brotam: da mesma fonte - o espírito humano; na mesma época - Antigüidade Clássica e no mesmo lugar - Grécia.

Seguiremos a investigação hermenêutica destes conceitos, desde a palavra oracular *alétheia* (verdade) ao surgimento da filosofia (no século VI a.C.), com o estudo dos físicos (pré-socráticos), a pedagogia dos sofistas e os ideais de *paidéia* (educação) e *episteme* fundados por Platão e Aristóteles.

Estudar questões que se expressam na nossa realidade, implica em pensar na vida, ou filosofar. Mas em uma sociedade pragmática, dominada pela produção científica e pela idéia de produtividade e de consumo, gerenciada pelo capital das grandes empresas, é, de fato, espantoso pensar na vida; afinal para que serve o pensamento? Qual será a serventia daquilo que não produz nada de imediato?

1. A hermenêutica é definida como uma arte de interpretar ou interpretação do sentido das palavras ou das Escrituras Sagradas (vide Novo Dicionário Aurélio da língua Portuguesa). Entretanto, primeiramente significava a expressão de um pensamento, porém, já em Platão seu significado se estendeu à explicação ou interpretação do pensamento. E no decorrer da história da filosofia, dela se fez uso como um método de interpretação das Ciências do Espírito, que baseia-se na consciência histórica, passando dos signos as vivências originárias que lhe deram nascimento.

Justamente isto que no mundo contemporâneo nos parece um absurdo, era o que na Antigüidade legitimava a filosofia como conhecimento superior - a vida contemplativa (*bíos theoretikós*), única atividade que tem seu fim em si mesma. Contudo, para refletirmos sobre a crise epistemológica e ética que ameaça todas as formas de conhecimento e de vida na atualidade, é necessário resgatarmos a trajetória do conhecimento desde o entendimento mítico (*mythos*) da palavra *alétheia* ao conceito de episteme.

Antes da pedagogia e da filosofia terem sua gênese na antigüidade, a sabedoria era um privilégio inalcançável, "coisa" dos deuses. Os únicos homens que a ela tinham acesso eram os chamados "Mestres da Verdade", representados pelas figuras: do advinho - aquele que diz as ações dos homens e dos deuses, sua palavra traz o futuro para o presente; do poeta - o que conta os feitos dos deuses e dos heróis, através das narrativas das guerras, etc. (vide Homero, Hesíodo), sua palavra traz o passado para o presente; e do rei-da-justiça - detentor da justiça (*diké*) e do destino dos homens, sua palavra determina o presente. A palavra dos Mestres é eficaz, pura atividade, faz acontecer em todas as dimensões temporais do universo. Eles eram os mensageiros dos deuses, recebiam as mensagens através dos oráculos, viam o invisível, a palavra oracular, a *alétheia*.²

A filosofia tem data (século VI a.C.) e lugar (antigas ilhas da Jônia - Grécia) de nascimento, todavia, só fôra assim batizada tardiamente. Tal palavra não consta nos poemas de Homero e Hesíodo; de modo que, para designar uma habilidade, arte ou competência, eram usadas as palavras *sofos*, *sofia*, traduzidas por *sábio*, *sabedoria*. Em Heráclito aparece pela primeira vez o uso do substantivo concreto filósofo, vide fragmento 35: "é bem necessário serem os homens amantes da sabedoria, filósofos, para investigar e testemunhar muitas coisas." Contudo, foi Pitágoras "segundo a doxografia insegura de Diógenes Laércio",³ o primeiro a utilizar o substantivo abstrato filosofia.

O termo, filosofia, é uma criação de Pitágoras, foi o primeiro que se chamou de filósofo nas discussões de Sicião com Leão, tirano dos sicionianos, chamados também de filiásios. Alegava que nenhum homem é *sábio*, *sofos*. A sabedoria, *sofia*, é privilégio dos deuses. Antes de Pitágoras de fato esta disciplina se chamava sabedoria e quem a professava, chamava-se *sábio*, caso tivesse alma rica e elevada. Um filósofo, ao contrário, é alguém que procura alcançar a sabedoria.

2. A palavra grega *alétheia* tem um sentido oracular. Composta do prefixo *a* - negação + *léthe* - esquecimento. É o desvelamento da visão divina para a consciência humana.

3. Observação contida no texto Definições da Filosofia, de autoria do professor Emmanuel Carneiro Leão.

É com a junção destes dois radicais gregos: *fil*, de onde deriva o verbo *fileo* (amar), e os substantivos, *filos* (amigo) e *filia* (amizade, amor); e *sof*, donde vem *sofos* (sábio), *sofizo* (saber), *sofia* (sabedoria), que se nomeia a radicalidade do pensamento. Interrogar a filosofia, é desde já pensar a formação do conhecimento e da educação, levando em consideração o seu caráter pedagógico por natureza.

Foi com o estudo da *physis*, nas ilhas gregas, na remota Jônia, no século VI a.C., que teve origem o pensamento dos físicos (ou pré-socráticos - segundo algumas classificações da história da filosofia); a filosofia começa pensando a cosmologia, a ordem universal - origem e movimento da vida material, da qual o homem participa. E é através desta atividade - o pensamento, que surgem as primeiras escolas e doutrinas (conhecimentos) do ocidente.

O que chamamos doutrinas são as condições de possibilidade de qualquer campo do saber, ou seja, os fundamentos do conhecimento e de toda estrutura do seu desenvolvimento. Pois foi através destes pensadores originários que se estruturou o campo da matemática, da astronomia, da música, da metafísica, e todos os outros, através das primeiras escolas, como a Escola de Mileto que desenvolveu, através de seus principais representantes - Tales, Anaximandro e Anaxímenes - a doutrina dos elementos, o estudo sobre a *arkhé* (origem) da *physis*, a matemática, a astronomia, etc.; a Escola Pitagórica e os estudos sobre a matemática, a música, a ética, etc.; a Escola Atomista, representada por Demócrito e Leucipo de Abdera, onde se pensou, pela primeira vez, o movimento dos átomos. Além dos pensadores da pluralidade, como Anaxágoras de Clazómena, Heráclito de Éfeso, Empédocles de Agrigento, que se contrapõem às escolas e aos pensadores da unidade, representados por Parmênides e seu discípulo Zenão.

Entretanto a filosofia se expandiu (séculos VI-V a.C.) ainda pagã, sem nome de batismo para o continente, por intermédio dos sofistas. Estes eram estrangeiros que chegavam a Atenas para ensinar as virtudes necessárias à nova ordem social instaurada com as reformas de Sólon (594 a.C.) - a democracia. Assim era chamada a nova organização dos *génos* (famílias, clãs) e dos *dêmos* (povos, culturas) na *pólis*. "A educação como formação cultural completa visava, para os gregos, a permitir que se realizasse a *areté*".⁴ O pensamento reflexivo e a educação desenvolvem-se como pedagogia do espírito, realização da plena formação cultural.

4. Chauf, 1994, p.118. A tradução da palavra *areté* por "virtude" não esgota a idéia nela contida, isto é, de um ideal de formação humana integral. Contendo ainda um conteúdo agonístico, mesmo no contexto não-aristocrático. A tradução que mais se aproxima do sentido original é excelência (mérito, valor).

Por isso os cidadãos deveriam aprender as técnicas necessárias para bem discutir as questões da *pólis* ou Estado, que funcionava como um mediador de forças para manter o equilíbrio entre os diferentes *dêmos* (povos/culturas), evitando a tirania. Pois tal equilíbrio, a democracia, se sustentava pela educação voltada não apenas para as virtudes (*aretés*) físicas e médicas, mas também para as cívicas e políticas.

Os sofistas, esses fundadores da pedagogia democrática eram mestres no ensino das artes ou técnicas úteis para o homem da *pólis*, pois traziam não só o debate jônico travado ente o Ser e o Devir, como o conhecimento da história, inventada por Heródoto (para narrar as guerras entre os gregos e os persas), e da culinária e da dietética (distinção e combinação de alimentos), que deram origem à medicina. Da Magna Grécia herdavam a influência da lógica parmenídica, da retórica de Empédocles e da dialética heraclítica, que iluminaram a composição das técnicas de linguagem, o instrumento da política, a oratória, a arte da persuasão.

Tanto a oratória/retórica como a medicina eram exercidas enquanto artes ou técnicas, que podiam ser transmitidas e aperfeiçoadas com o exercício virtuoso. A medicina era portanto um conhecimento fundamentado na experiência e observação dos fenômenos, que se expressam através do corpo e do espírito humanos. Por isso, o diagnóstico era feito através da *anamnese*; e o médico além de cumprir com toda rotina ou prática (*práxis*) médica, exercia uma técnica muito especial, que garantia a aceitação e a participação do doente no tratamento, a *psicagogia*. Esta funcionava como uma força de realização, um poder de encantamento do espírito. Era assim que os médicos seduziam seus pacientes à cura.

A saúde para os gregos era o justo equilíbrio entre o corpo saudável e o espírito de excelência. Neste ínterim, a arte médica está para o indivíduo como a oratória para a *pólis*, ela é a *techné* (técnica) própria para o exercício da política, o espírito de reflexão do *nómos*⁵, das leis e dos costumes, das tradições políticas, intelectuais e religiosas. Neste momento o pensamento volta-se para o humano, e se coloca, pela primeira vez na história das sociedades, a questão da ética; que nasce do entendimento da *areté* (virtude - excelência) como *nómos* (hábito), ou seja, a virtude é mesmo um costume que pode ser ensinado e deve ser exercido.

5. *Nómos* - costume, norma, lei. O sentido originário desta palavra é aquilo que se usa porque atribuído por partilha, conforme ao uso e ao costume. Isto quer dizer, a regra ou norma compartilhada no comportamento cotidiano e nas convenções sociais estabelecidas por um grupo. *Nómos* aparece em contraposição à *phýsis*: o primeiro por convenção humana, enquanto a *phýsis*, é o que é aprioristicamente, a própria natureza. O *nómos* é da ordem do costume, do ritual, do cultural.

Em honra dos sofistas, deve ser dito que a persuasão é preferível à força e à violência e que a retórica é por excelência, uma arte democrática que não pode florescer numa tirania. Por isso Aristóteles lembra que o nascimento da retórica em Siracusa coincidiu com a derrubada do tirano.⁶

Entretanto, não podemos esquecer que na concepção da *politéia*, na "cidade ideal" de Platão, contida na República, excluem-se os sofistas e ainda mais espantosamente, os poetas: tanto os épicos como os trágicos. Podemos estranhar tais exclusões, contudo elas nos são muito mais próximas do que podemos acreditar, e especialmente os motivos e os ideais que as realizam.

No caso grego, os épicos ensinavam e valorizavam a *areté* do guerreiro belo e justo, os valores aristocráticos do sangue; os trágicos legitimavam a vida democrática fundada nas leis, nas assembléias, em conflito com os ideais de sangue, de família; e os sofistas, educadores, estrangeiros instruídos, eram aqueles que consolidavam o terreno para uma tal democracia, desenvolvendo nos jovens, junto com a retórica (oratória voltada para a persuasão política), diversas capacidades (*technés*), através daquela inteligência prática a qual os gregos denominavam *métis*.⁷

Ou seja, o que motiva tais exclusões é, propriamente, a relação inseparável que se estabelece desde as origens da nossa sociedade entre educação, conhecimento, cultura e política. Pois na concepção platônica a identidade entre os ideais do bom, do belo, do justo e do verdadeiro se confundem e excluem todas as formas de conhecimento que não se comprometam com a descoberta destes valores transcendentais. A partir das máximas socráticas "Sei que nada sei" e "Conhece-te a ti mesmo"⁸, o discípulo Platão desenvolve a idéia de conceito universal (*episteme*), aquele que está acima de qualquer *techné*, inclusive da retórica e da matemática. A *episteme*, portanto, não pode ser ensinada, mas alcançada através de um método (*meta* - objetivo + *ódos* - caminho) - a dialética (*diá* - de um e de outro + *lógos* - conceito, discurso, razão).

A *episteme* opõe-se, justamente e diretamente, às opiniões de cunho social, ou seja, as discussões coletivas dos cidadãos sobre a sociedade (*pólis*). Neste contexto, a *dóxa* é tida como a opinião vulgar, desprovida

6. Guthrie, 1971, p.188.

7. A palavra sofista, não possuía o caráter pejorativo que lhe foi atribuído a partir de Platão; pois a palavra *sophia* não designava um saber teórico ou contemplativo, mas uma qualidade espiritual, que se origina de uma habilidade específica, a *métis*. Sofista, portanto, é o mestre de uma arte ou ofício, o homem dotado da *métis*.

8. Estas são as máximas socráticas que através da dialética conduzem à *episteme*.

da universalidade tão fundamental para o pensamento científico. A dialética é o primeiro método a excluir as evidências da nossa experiência imediata, o sensível passa a ser pura ilusão. O mundo sensível deve ser superado para chegarmos ao conceito, ao mundo puramente inteligível, nesta escalada (dialética) para o conhecimento fundamenta-se toda dicotomia ocidental entre mundo sensível (realidade) e mundo inteligível (pensamento); corpo e alma; teoria (theoría) e prática (*práxis/techné*), senso-comum (*dóxa*) e conhecimento científico (*episteme*). A metafísica platônica e a teoria da reminiscência, afastam toda pedagogia que não compartilhe com o método dialético da *anamnese*, ou do reconhecimento ou re-memoração; caminho condutor para o grau mais alto do conhecimento da alma ou espírito, a *episteme*, o conhecimento científico.

Hoje vivemos a realização radical deste mundo científico idealizado em conceitos, o que de um ponto de vista parece especulação metafísica, filosófica, transformou-se em progresso tecnológico, que exclui, não só toda e qualquer metafísica, como a própria filosofia; o feitiço voltou-se contra o feiticeiro.

Decorridos tantos séculos de história, perguntamo-nos - Será possível resguardar alguns valores e criar condições para uma educação mais humanitária e menos cientificista, ou será preciso que expulsemos todas as formas de pedagogia que não se submetem ao caráter pragmático e dominador do ideal tecno-científico? Onde habita ainda a filosofia, qual o lugar do pensamento reflexivo e da educação como plena formação cultural?

Retomaremos a idéia de *paidéia* (formação) grega no sentido de buscar a fonte da qual brotaram os valores da cultura e da educação no ocidente, o fundamento originário ou *arkhé* (origem) do *ethos* ocidental. O *ethos* diz a consciência viva de um povo, ou seja as regras, normas, hábitos e costumes que regem uma comunidade, seja ela uma família, um grupo étnico, uma classe, etc.; e a educação/formação, o meio através do qual este *ethos* se conserva, se transmite.

A educação, nesta perspectiva, é a viabilidade da propagação da existência social e espiritual de um determinado povo, pois participa na expansão e no crescimento da vida social, tanto no seu caráter externo de fenômeno, quanto na condição interna do desenvolvimento do espírito. Esta cultura do espírito, o humanismo grego, não é a descoberta do "eu" subjetivo ou o culto contemporâneo do individualismo, mas a gradual tomada de consciência das leis gerais que regem o espírito humano conforme a natureza (*physis*), é o fundamento originário que brota da vida em comunidade, a necessidade de elevação espiritual e desenvolvimento das capacidades humanas através da cultura.

A consciência grega descobre através da contemplação da *physis* e da escuta do *lógos*, a ética, a educação, a poesia, a matemática e todas as formas de artes (*technés*) do espírito; para que todo esforço humano se justifique na atividade comunitária, política e na educação do espírito, na medida em que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores humanos.

Na antigüidade, o modelo e a sistematização dos diversos campos do conhecimento se dá com Aristóteles, no século IV a.C., quando identifica o conhecimento como uma inclinação natural do ser humano, "Todos os homens, por natureza, têm o desejo de conhecer" (Livro I - Metafísica); e percebe, que a *episteme* (origem filosófica da ciência) se constrói como obra do espírito coletivo. Assim justifica Aristóteles no Livro II da Metafísica :

O estudo da verdade é , num sentido, difícil e, noutro, fácil. ... Cada filósofo tem algo a dizer sobre a Natureza em si mesma; esta contribuição não é nada ou é pouca coisa, mas o conjunto de todas as reflexões produz um resultado fecundo.

A filosofia, vida contemplativa (*bíos theorétikos*), grau mais elevado dos saberes, assegurava (para Aristóteles) todas as demais técnicas (*technés*) do conhecimento ou artes do espírito, nela habitava a "totalidade de todos os saberes". E, mesmo após tantos séculos destituída de sua função; é justamente nela, que ainda hoje, reside a liberdade de suscitar questões que perpassam diversos campos do saber. Pois, neste entendimento, a filosofia não é uma voz do saber que fala grego, mas uma prática de reflexão coletiva.

Na crise de valores que vivemos na contemporaneidade, paradoxalmente, nos deparamos com a distância e a proximidade dos valores e dos pensamentos que fundamentaram a educação, a cultura e o conhecimento desde a Antigüidade. Toda dicotomia entre conhecimento científico e senso comum, tão legitimada na modernidade (vide Descartes, Kant, Hegel, etc.), para afirmar a superioridade e a condição paradigmática das ciências exatas (e, mais especificamente, da matemática) encontra suas origens na idéia grega de *episteme*, formulada por Platão, em oposição à *doxa*.

Desta forma, o modelo de racionalidade que começa a ser construído no âmbito das ciências naturais, a partir da revolução científica realizada por Copérnico, Galileu e Newton, no século XVI, apoiava-se na confiança epistemológica herdada dos pensadores gregos (Platão, Aristóteles). E toda consciência filosófica moderna, vide Descartes, Kant, Hegel, trabalha no sentido de fundamentar esta confiança, que estruturou e mapeou todo o campo teórico no qual avança a ciência ainda hoje.

O potencial tecnológico no qual se traduziu os conhecimentos científicos ao longo destes séculos, não atinge apenas a técnica, mas todo discurso sobre ela, pondo em xeque toda consciência filosófica e confiança epistemológica; assim como todo ideal de educação, de erudição e de cultura construído pelos intelectuais, a partir da ideologia europeia ocidental, que viam na ciência o caminho natural de ascensão da humanidade.

O ideal de uma cultura intelectual homogeneizada, alentada pelo modelo de racionalidade científica com princípios epistemológicos e regras metodológicas preestabelecidas, que se estendeu aos estudos humanísticos, a partir do século XVIII, está, hoje, posto em questão. Assim como, o mito burguês de "espírito cultivado"; a função da educação, como meio de constituição do ser social no indivíduo, ou mais precisamente, segundo Durkheim - como forma de tornar a submissão social desejada; a antiga esperança de que o desenvolvimento da ciência se realizasse paralelamente ao desenvolvimento da complexidade social, todo este referencial histórico e teórico, está hoje posto em questão.

É precisamente o que vivemos nas sociedades actuais, que se empenham em acelerar todos os corpos, todas as mensagens, todos os processos, em todos os sentidos e que, com os *media* modernos, criaram para cada acontecimento, para cada narrativa, para cada imagem, uma simulação de trajetória até o "infinito"⁹

Esta desterritorialização dos acontecimentos e portanto da própria história, nos remete ao que Nietzsche apontou como o aprofundamento do processo histórico do Nihilismo Ocidental, quando nem mais Deus nem a moral geram valores capazes de conter o desenvolvimento da ciência, que conduz ao esvaziamento dos significados (conteúdos), ao total esgotamento dos valores tradicionais.

Narro aqui a história dos dois séculos que virão. Descrevo o que virá, o que não mais deixará de vir: a ascensão do nihilismo. Desde já esta página da história pode ser cortada, porque, no caso presente, é a própria necessidade que a produzirá. O futuro fala desde já pela voz de cem signos, a fatalidade anuncia-se em toda parte; para entender esta música do futuro todos os ouvidos já estão atentos. A civilização europeia agita-se desde muito...: inquieta, violenta, arrebatada, semelhante a um rio que quer alcançar o término de seu curso, que não reflete mais, que teme até refletir.¹⁰

9. Baudrillard, 1992, p.9.

10. Nietzsche, Vontade de Poder, "Prólogo".

É nesta perspectiva, quando a metafísica tecno-científica domina todos os valores éticos e epistemológicos, que Nietzsche aponta para uma "Transvaloração de todos os Valores" para o retorno aos princípios originários da vida, anteriores à história (judaico-cristã) e à construção do sujeito social.

Na estrutura social contemporânea, o papel do Estado e seus desdobramentos, a educação, a violência, a alta tecnologia, o capital transnacional, a globalização, todos são reificados pela efetiva e eficaz atuação dos sistemas de Comunicação de Massa ou dos *media* modernos. Esses aspectos da vida contemporânea se impõem como questões tão explícitas e emergentes, que parece não dar mais tempo de pensá-las. De fato, o tempo e o espaço histórico parecem ter chegado ao esgotamento, como sugere Baudrillard, para dar passagem a um tempo e um espaço de simulações, no qual avança a ciência, atropelando as culturas, as éticas e as estéticas, em nome de uma difusão planetária.

Tais simulações espaço-temporais, surgem como desdobramentos do desenvolvimento científico, que têm a tecnologia como agente modificador do sujeito, da ética, da sociedade.

Em todo processo educacional se encontra também submetido ao poderoso domínio científico; saber e poder se identificam na estrutura social a partir do discurso das competências; e neste movimento totalizante, a ciência tende a mediar através do discurso legitimado, da fala do professor-especialista, a experiência da dicotomia entre o científico e a vida cotidiana. Por isso, este estudo desenvolve a análise hermenêutica desta relação entre educação e ciência, de forma a não reduzir o trabalho teórico à aplicação de modelos abstratos, e nem a pedagogia à repetição dos mesmos.

Como não expulsar nossos poetas da escola nesta sociedade pragmática, dominada pela idéia de produtividade e de consumo, gerenciada por uma lógica de mercado onde só impera o capital a despeito da miséria de milhares de povos espalhados pelo mundo, e de qualquer respeito perante os valores humanos?

É justamente em meio a este turbilhão, que devemos nos permitir a contemplação das origens, e a liberdade de pensar o conhecimento e a educação de forma transdisciplinar e simbólica, de modo a não transformar a pedagogia em ciência e o professor em mero especialista transmissor de um conhecimento legitimado cientificamente. O processo educacional é antes de tudo uma *práxis* social; onde o professor/educador age como mediador interativo entre o aluno e o conhecimento, o saber não é de posse de ninguém, não deve ser corporificado no poder; pois como já diziam os gregos, a sabedoria é um privilégio dos deuses.

Esta pesquisa insere-se na perspectiva de uma "pedagogia simbólica" como propõe Carlos Byington¹¹, onde o trabalho pedagógico aponta para o rompimento da dicotomia do particular (eu subjetivo, sensível) e do objetivo (universal, científico); o simbólico é tudo o que é vivenciado, quando o eu subjetivo, a vivência do cotidiano pedagógico e a objetividade da pesquisa científica se completam.

Neste sentido propomos uma reflexão hermenêutica, o que implica em contemplar simbolicamente o nascimento, o crescimento e o desaparecimento do que se pensa; afinal, vivemos um momento de transição - a crise dos vinte e cinco séculos - conforme anunciaram grandes sábios: Buda na Índia, Lao-Tsé na China, Zarathustra na Pérsia e Heráclito na Grécia.

A hermenêutica é a arte da interpretação, a arte de Hermes, mensageiro dos deuses e da sabedoria, traz a mensagem do destino, por isso ensinou aos homens a linguagem e a comunicação. Interpretar (*hermeneueîn*) é um destino histórico da humanidade, onde se revela o caráter ritualístico da filosofia, a experiência primeira da linguagem e do pensamento.

Nesta perspectiva entendemos a educação de uma forma transdisciplinar e humanística, buscando os fundamentos e a construção do conhecimento, da ética, da estética e de todas as formas de manifestação do espírito humano. Pensar a educação e o conhecimento como exercício coletivo ou práxis social, é também resgatar a pedagogia como arte (*techné*) democrática, ou formação integral do espírito humano - *paidéia* (formação).

Abstract

The present paper treats of the necessity of raising questions about the general conditions of Ethics and Education in the contemporary globalized world. We turn back to the western original ideals of ethics and education and greek philosophy as a instrument of analysis, in order to restate the locus of reflexive thinking and *paideia* as constitutive of and necessary to our culture and civilization.

Aissa Afonso Guimarães

11. Byington, A Pesquisa Científica Acadêmica na perspectiva da pedagogia simbólica, (artigo publicado) in: A Pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento, 1995.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES *Metafísica*, (trad. Leonel Vallandro), Porto Alegre: Globo, 1969.

BADIOU, Alaim *Ética*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BAUDRILLARD, Jean *A Ilusão do Fim*, Lisboa: Terramar, s/d.

BERLINGUER, Giovanni *Questões de Vida* (Ética, Ciência e Saúde), Londrina: HUCITEC, 1993.

BRÉHIER, G. *História da Filosofia*, São Paulo: Mestre Jou, 1977.

BYINGTON, Carlos Amadeu B. *A pesquisa científica acadêmica na perspectiva da pedagogia simbólica*. in: FAZENDA, Ivani A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento, Campinas: Papyrus Editora, 1995.

CHANTRAINE, P. *Dictionaire Étymologique de la Langue Grécque*, Paris: Edition Klincksieck, 1983.

CHAUÍ, Marilena *Introdução à História da Filosofia*, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.
_____. *O que é ser educador hoje - da arte à ciência, a morte do educador*. In: BRANDÃO, C R. *Educador Vida e Morte*, Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 51-70.

CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Brasília: UnB, 1987.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*, 4ª ed., São Paulo: Melhoramentos, 1955.

FOUCAULT, Michel *Microfísica do Poder*, São Paulo: Graal, 1979.

GUTHRIE, W.R.C. *The Sophists*, Cambridge University Press, Nova York, Londres, 1971.

HARVEY, David, *Condição Pós-Moderna*, São Paulo: Loyola, 1994.

JAEGER, Werner. *Paidéia*, São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LE BRETON, David. *Corpus et Sociétés*, Paris: Librairie des Méridiens, 1985.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991, 2v.

MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*, 12ª ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Friedrich Nietzsche Werke*, 5ª edição, revista, org. Raul Schlegel, München: Carl Hansen, 1966, 3 v.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos - um léxico histórico*, 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

SERRES, Michel *O Contrato Natural*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Um Discurso sobre as Ciências*, 9ª ed., Coimbra: Edições Afrontamento, 1997.

THUILLIER, Pierre *De Arquimedes a Einstein*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.